

TRADUÇÃO

Nicolau de Cusa

Tradução de Enio Paulo Giachini²

Nicolau de Cusa ao digníssimo pai Garhard, bispo de Salona.

Muito embora, vós, Pai, já conheçais a obscuridade de minha inteligência desde há muito, vós tentastes encontrar nela luz por uma indagação competente. Ao recolher ervas, quando lhe veio à mente a lição do apóstolo Tiago, de que toda dádiva ótima e todo dom perfeito descendem do pai das luzes, insististes para que eu escrevesse minhas conjecturas para a compreensão do texto. Sei que vós, pai, tendes na memória tudo que foi transmitido pelos mais instruídos teólogos, enquanto que eu só li algumas vezes alguns poucos desses escritos. Por isso tenho de me envergonhar, se ignoro a sinceridade de vossa mente. Aceitai e lede pois a interpretação que me parece boa.

I. Como creio, a intenção do apóstolo era nos conduzir por uma via fácil a todo o desejado. A todo espírito intelectual apetece saber. Inteligir é pois a vida do intelecto e este é o ser do que deseja. Mas aquele que não conhece sua luz não consegue elevar-se a conceber a sabedoria. Quem é indigente é indigente portando daquilo de que carece. É preciso então que o indigente se reconheça como indigente e recorra avidamente àquilo que pode suprir sua indigência. Assim, aquele que é indigente da sabedoria, a buscar daquilo cujo tesouro é a plenitude da sabedoria, e enquanto ele a esvazia ainda a multiplica – cuja frugalidade é efusão rica –, então é impossível que não deseje a sabedoria que se derrama a si mesma no espírito de quem a busca. Esse é o testemunho elevado do sábio Fílon, que, em seus esforços para louvar a sabedoria, mostra que ela própria se une ao espírito de quem a busca. Mas deve-se postular alcançar com determinada fé e com esperança indultável.

¹ KUES, N. von. **Philosophisch-Theologische Schriften**. Viena: Herder, 1982. v. 2, p. 645-681.

² Doutor em Filosofia pela UFRJ. Professor de Filosofia na FAE Centro Universitário. *E-mail*: enio.giachini@gmail.com

Quem avança com curso ardente para aquela a quem ignora, essa vem-lhe ao encontro como mãe honorável. Mas o apóstolo mostra àquele por quem deve ser rogada, a sabedoria, a luz para o caminho e o luzeiro de nossos pés, o fundamento e a vida da alma, buscando afastar todo erro, ao dizer: toda dádiva ótima e todo dom perfeito descendem do pai das luzes. Pois se tudo que é se considera bom, na medida em que não deseja ser outra coisa além de si mesmo, quiçá do melhor modo possível, e sua natureza alberga em si os pressupostos para tal, então toda aquela força que reconhece provir do melhor, reconhece que ela existe do melhor (ótimo) modo possível. Ela reconhece, portanto, que seu ser, que em tempo algum quer a corrupção ou a mutação para um outro ser fora de sua própria espécie, não lhe foi dado de algum outro que está acima de tudo na altura de toda optimidade (*optimitas*).

Isso porque o intelecto humano não crê que sua natureza lhe tenha sido dada por algo cuja bondade não seja a mais elevada, acima de todo bom; bem aquiesceria qualquer ente em sua natureza dada se tivesse sido dado por um bem diminuto e criado. Mas, visto que recebeu seu ser do melhor e maior mestre de todos – não há nenhum melhor que ele –, toda sua quietude em sua natureza específica, como sendo ótima, é dada pelo ótimo. Toda e qualquer dádiva natural em tudo é a melhor, ao juízo de todos que são e que em seu ser aquiescem como o ótimo. Descendeu portanto da onnipotência infinita, que possui uma tal arte/ciência e sabedoria que é a força (*virtus*) sufficientíssima formativa de tudo.

Mas, visto que nem toda natureza dada atinge em ato o grau de perfeição possível de sua espécie, mas reconhece-se antes que toda e qualquer *contractio* individual da espécie está distante da perfeição da realização da possibilidade – com exceção de nosso Senhor Jesus Cristo –, então ela necessita do intelecto, cuja potência abraça tudo que não é seu criador, para que seja levado a efetuar a apreensão através da dádiva da graça daquele que a criou. Assim, a criatura racional possui em si uma luz racional discretiva, mas esta é como o olho da coruja, muito débil e obscurecido por muitas sombras nesse corpo sensível. É levado a atuar pelo sopro do verbo divino do espírito,

e suas trevas são iluminadas. Pela palavra do mestre, o discípulo é iluminado, quando a própria força racional do discípulo é educada passo a passo pelo espírito verbal e pela dádiva da razão iluminadora do mestre, que nele penetra.

Mas essa iluminação que atua em todos, que é dádiva que veio do alto, desceu do pai de todos os dons, que são dons de luz ou teofanias. Segundo a natureza de sua alma, recebeu de Deus a melhor dádiva (3Rs 3,11-12). No entanto, sua alma, segundo essa dádiva, não era uma alma melhor que de outro homem qualquer, mas recebeu a alma segundo o dom da iluminação, cuja força intelectual para apreensão que leva à realização supera todos os reis judeus que o precederam. Postulando pois essa dádiva da sabedoria, ela descendeu a ele do alto do pai das luzes.

Vemos pois que a força da semente dada pelo pai das luzes, a saber, o sol, não é levada a tornar-se real, a não ser que seja doada por este. Da potência da semente não se desenvolve uma árvore, a não ser pelo sol doador, de quem é dado também que aquela força inabite aquela semente. Assim, o apóstolo quis extinguir os erros daqueles que afirmaram que Deus é a causa do mal, bem como daqueles que presunçosamente se arvoraram a admitir que por si mesmo o homem poderia alcançar a sabedoria sem o dom da graça ou a atração do pai. Esse foi o pecado presunçoso de Lúcifer, espírito racional separado, que pretendeu aceder por força própria à semelhança do altíssimo, e igualmente do espírito racional ligado ao corpo dos pais, que esperavam alcançar a perfeição da ciência dos deuses comendo do fruto da árvore sensível. Assim aprendemos que essa atualidade não pode advir nem de nós nem da vegetação sensível inferior, a fim de que apreendamos a sabedoria, que é luz viva e quietude gloriosa do desejo de nosso espírito, mas do pai e doador das formas, a quem unicamente cabe levar à perfeição.

Também enfraqueceu os erros dos outros que, desprezando o pai das luzes, postularam auxílio a Minerva, Apolo, Júpiter e outros deuses, na medida em que atesta pelo ponto de vista de todos os gentios que não há criador a não ser o infinito Deus dos deuses, e mostra que se

deve postular apenas dele todo dom perfectivo, e não daqueles deuses que são deificados por suas forças. Pois aqueles que nada possuem por si, que não receberam do pai de todos, não têm a faculdade de doar, pois nada têm que seja seu. Todos os nossos intercessores, portanto, que desejaram a posse da sabedoria, pedem que a luz lhe seja dada pelo pai das luzes. Não doam eles, mas apenas ele que é doador e dádiva. Vê-se ser isso que quer o apóstolo, a isso que nos convoca à oração assídua com fé firmíssima e sem hesitar, na certeza e esperança de conseguir, pois nosso pai doa generosamente e não é murrinha (Tg 1,5). Isso quanto à palavra do Apóstolo.

II

Agora queremos admirar essa luz admirável que se oculta nas palavras do apóstolo, para que de algum modo se mostre, e vou tentar demonstrar o que há de próprio no significado das palavras. Ele diz, pois: “toda dádiva ótima” etc. Disso se vê que, de certo modo, toda criatura é Deus. Só Deus é maximamente bom e ótimo. Uma vez dado o ótimo, quando é criatura, pois toda criatura é muito boa, parece ser um Deus doado. É necessário, portanto, que o que é doado seja na potência do doador. Na potência do bom é o bom. Mas ótimo não há se não um, simples, inseparável, porque é ótimo. Portanto, não pode doar a não ser a si mesmo.

O ótimo é difusivo de si mesmo, mas não parcialmente, visto que o ótimo não pode ser a não ser ótimo. É pois tudo aquilo que pode ser; isso porque seu ser é sua otimidade e eternidade. Se comunica, portanto, sem diminuição. Parece portanto que Deus e criatura sejam idênticos e o mesmo, segundo o modo doador, Deus, e segundo o modo doado, a criatura. Não será portanto senão um que receberá o nome diverso segundo a diversidade dos modos. Será pois ele próprio eterno segundo o modo do doador, e temporal segundo o modo do dado, e será ele próprio feitor e feito, e assim no mais.

Mas, falando assim, carece de precisão; inquiramos, no entanto, pela compreensão da verdade. Os filósofos dizem que é a forma que dá ser à coisa. Essa asserção carece de precisão. Não é pois à coisa que

a forma dá ser, visto nada ser a não ser pela forma. A coisa portanto não toma ser da forma. Pois seria antes de ser. Mas a forma dá ser à coisa, isto é: a forma é o próprio ser em toda coisa que é, a fim de que o ser dado à coisa seja a própria forma doando ser. Deus portanto é a forma absoluta do sendo (*essendi*), e isso é o testemunho apostólico dessa passagem, visto que todo ser de todos é doado pelo Pai.

A forma, portanto, doa ser. Deus é assim a forma do sendo universal, que dá ser a todos. Mas porque a forma doa ser à coisa, a toda e qualquer coisa singular, isto é, a forma é o próprio ser de Deus. Assim, Deus, que dá o próprio ser, é chamado corretamente por muitos de “o doador das formas”. Deus portanto não é a forma da terra, da água, do ar ou do éter ou de outras coisas singulares, mas a forma absoluta da forma da terra ou do ar. Assim, a terra não é Deus ou algo outro, mas terra é terra, e ar é ar, e éter é éter, e homem homem, cada um por sua forma. Pois toda e qualquer forma é um descenso da forma universal, de modo que a forma da terra é sua forma e não de outro, e assim do mais.

Com sutilidade admirável, o apóstolo nos exprime isso dizendo que a dádiva ótima descende, como se dissesse que o doador das formas não doa outra coisa que a si mesmo, mas sua dádiva é o ótimo e esta é sua otimidade absoluta e universalmente máxima, mas não pode ser recebido como é dado, porque a recepção do dado é feita descensivamente. O infinito é recebido portanto finitamente, o universal particularmente e o absoluto de forma contraída. Essa recepção, decaindo da verdade que se comunica, volta-se à semelhança e à imagem, de modo que não é a verdade do doador, mas sua semelhança. Pois, em outro, não pode ser recebido a não ser de modo diverso.

O teu rosto, multiplicando sua igualdade superficial da compleição, é recebido de maneira diversa no espelho, segundo a variedade do espelho que é a recepção; em um de forma mais clara, porque a recepção do espelho é mais clara, em outro mais escura, mas em nenhum nunca se espelha o próprio rosto. É necessário pois que em outro seja recebido de modo diverso.

Só existe um único espelho sem mancha, a saber, Deus mesmo, no qual é recebido como é, porque aquele espelho não é outro de algum outro que é, mas é ele mesmo que é em tudo que é, porque é a forma universal do sendo.

Há diversos exemplos que podem nos ajudar a compreender isso que dissemos. A luz é certa forma universal de todo ser visível, a saber de toda cor. A cor é pois a recepção contraída da luz, e a luz não se mistura com as coisas, mas é recebida descensivamente segundo o grau do descenso. A terminação da luz no transparente é a cor, segundo um modo vermelha, segundo outro azul, e todo o ser da cor é dado pela luz que descende, de modo que a luz é tudo isso que é em todas as cores, cuja natureza é difundir a si mesma de forma pura a partir de sua bondade. Muito embora se doe comunicando a si mesma de forma pura, surge uma variedade de cores por causa de sua recepção variada descensiva. Tampouco a cor é a luz, mas é a luz assim recebida de forma contraída, é certa semelhança, de modo que a forma da luz se porta como forma das cores.

É assim que Deus, a luz infinita, se porta com as formas das criaturas como forma universal do sendo. Assim, a forma substancial de Sócrates é forma una, simples, imparcial, toda no todo e em qualquer parte, pela qual é Sócrates e tudo que é de Sócrates. Que a mão de Sócrates é do próprio Sócrates e não de outro, deve-se à forma de Sócrates. Mas, visto que a própria mão recebe a forma de Sócrates não em sua simplicidade, que é a forma de Sócrates, mas em descenso singular, a saber, como tal membro, a mão de Sócrates não é Sócrates; de mesmo modo os demais membros.

Nossa alma é força discretiva universal para discernir, e é una e simples, toda no todo e em todos os membros, como toda força discretiva do olho é dada pela alma, que se doa a si mesma à visão. Mas o olho não recebe a alma a não ser com descenso, pois não a recebe como força universal discretiva. Por causa disso, não é o olho que discerne entre as coisas audíveis e gustativas, mas recebe a força universal contraída, a fim de que discirna as coisas visíveis. O olho não é a alma que vê ou discerne, muito embora tudo aquilo que discerne nele seja dado pela alma. Diz-se assim do ouvido e de outros membros.

A forma substancial dá ser substancial universalmente. Esse ser é recebido de forma descendiva, a saber, de forma quantitativa, qualitativa, respectiva, ativa, passiva, situacional, segundo o hábito, o local e o tempo. Assim, a unidade simples é recebida segundo nove modos, de modo que assim, com uma dezena tudo é enumerado. Mas, visto que pela quantidade não é concebido de forma puramente substancial, mas descendiva e contraídamente, a quantidade não é substância, muito embora todo ser da quantidade seja dado pela substância, e tudo que está na quantidade não seja diverso da substância e a quantidade seja a quantidade da substância. E assim os demais acidentes.

A partir disso nosso intelecto poderá auxiliar-se e penetrar um tanto na lição apostólica para que possa ver como Deus é a forma universal essente (*essendi*) de todas as formas, que as formas específicas recebem em descenso, não de forma universal e absoluta, como é e se dá esta, mas em contração específica. A angelidade recebe a forma essente universal segundo aquele descenso que se chama angelidade. A humanidade contrai a forma essente universal segundo aquele descendo que se chama humanidade. A leonidade participa da forma absoluta segundo aquele descenso. Muito embora Deus seja tudo em todos, a humanidade não é Deus, embora com sadio intelecto se possa admitir a afirmação de Hermes Trismegisto³ de que pode nomear Deus com os nomes de todas as coisas e nomear todas as coisas com o nome de Deus, assim como se pode chamar o homem de Deus humanado e este mundo ser nominado de deus sensível, como queria Platão⁴. Visto que a finalidade de sua obra, que a fez por e para si mesmo, é ele mesmo, deu-se como mundo sensível para que o mundo sensível seja por causa dele, como recepção descendiva dele, que diverge em grau sensível, atinja sensivelmente sua bondade, e sensivelmente reluz a luz infinita às coisas sensíveis, e assim aos viventes de forma viva, aos seres racionais de forma racional, aos seres intelectivos de forma intelectual; isso quanto ao que foi dito.

³ TOMÁS DE AQUINO, *Apulei Opera III*, Asclepius XX, p. 56, 2ss.

⁴ Cf. PLATÃO, *Timeu*, 92c.

III

Ademais, chamo a atenção que com precaução o apóstolo afirma que toda criatura é eterna e até a própria eternidade no doador. A onnipotência do doador coincide com sua eternidade, assim o onnipotente pode doar sempre. Tudo que foi doado, portanto, estava na eternidade junto do pai, pelo qual descendeu, uma vez recebido. O doador doou sempre e eternamente, mas não foi recebido a não ser em descenso da eternidade. O descenso porém é tal pela contração da eternidade na duração que tem um início.

É fácil de compreender isso se se considera como a pluralidade das coisas descende da razão (*ratio*) eterna, mas a pluralidade é número, e o criar é, para o criador, o mesmo que é o raciocinar ou numerar para a razão (*ratio*). O número que descende da *ratio* possui um princípio, a saber, a unidade, mas não tem fim, pois não pode dar-se um número além do qual não exista algum outro número que possa dar-se.

O número é pois a eternidade principiada, e a *ratio* absoluta é eternidade absoluta. A *ratio* é portanto a causa, e a *ratio* absoluta se nega ser principiada ou causada, visto ser causa absoluta. A criatura descende portanto da eternidade, na qual sempre foi.

Mas, visto que a eternidade dada não foi recebida se não contraidamente, a eternidade sem princípio existe enquanto recebida de modo principiativo. O mundo portanto não tem princípio, enquanto nele a eternidade é todo seu ser. Mas visto que a eternidade não é recebida a não ser principiativamente no descenso de mundo, então o mundo não é eternidade absoluta, mas eternidade principiativa contraída.

A eternidade do mundo é portanto principiada e o mundo eterno é feito; tampouco o mundo que é eterno junto do pai é diverso do que é feito por descenso do pai, mas é o mesmo mundo sem princípio e principiativo por descenso recebido em seu próprio ser, o qual junto do pai não é mutável, persistindo em estabilidade perpétua e suma claridade, sem qualquer vicissitude de obscuridade é o mesmo que o pai. Mas como foi recebido em seu ser próprio, descendendo do pai, é mutável na vicissitude da obscuridade, flutuando na instabilidade,

como se o mundo fosse Deus mutável na vicissitude da obscuridade, e se o mundo imutável e sem qualquer vicissitude de obscuridade fosse Deus eterno.

Essas são alocações intelectivas sem qualquer exatidão, embora no modo da inteligência comunicativa, pela qual se compreende Deus e mundo, aproximem-se da exatidão. Mas fala de forma mais precisa do Deus inefável aquele que afirma que ele habita uma luz inacessível para a inteligência, acima de toda afirmação e negação, acima de toda posição e abnegação, acima de toda oposição, transmutação e não transmutação, sobre isso, mais detalhes em outro lugar.

Visto que falar do Deus inefável é falar uma fala que está acima de toda fala e silêncio, onde silenciar é falar, não é uma fala deste mundo, mas do reino eterno. Assim como neste mundo comunicamos compreensões, o apóstolo nega convir a Deus pai a transmutação e a vicissitude da obscuridade, pois é uma luz eterna, na qual não há treva alguma.

IV

Agora resta ponderarmos essa afirmação apostólica, onde se diz que Deus é o pai das luzes. Ele não diz que ele é a luz, mas pai das luzes, tampouco diz que ele seria trevas, a quem afirma ser o pai das luzes. Mas ele é a fonte das luzes. Nós afirmamos ser existente tudo aquilo que chega ao nosso conhecimento, mas aquilo que de modo algum se nos aparece não consideramos ser existente. Assim pois todas as coisas são certas manifestações ou luzes. Mas, visto que o um é o pai e fonte das luzes, todas as coisas são manifestações do deus uno, que, apesar de ser uno, não pode aparecer a não ser na variedade. Como pois poderia se manifestar a força infinita a não ser na variedade?

Se um doutor possui um intelecto adquirido potente e prático, este não pode se manifestar a não ser na variedade de múltiplas razões (ratio). São necessárias portanto diversas luzes racionais, silogísticas desse intelecto, que é pai das luzes, para que assim se manifeste. A unidade, o princípio simples do número, é de uma força máxima e incompreensível, cuja manifestação da força não se manifesta se não na

variedade dos números e se mostra como descendente dessa luz. A força do ponto simplíssimo é incompreensível, que só pode ser percebida na quantidade descendente desse ponto simplíssimo, como que em várias luzes. A força simplíssima da presencialidade é incompreensível, e só pode ser compreendida na sucessão temporal.

Tudo é segundo o número na unidade, tudo segundo a quantidade no ponto, tudo segundo a sucessão temporal no agora do presente, e todas as coisas segundo o que são ou eram ou podem ser, na força infinita da onipotência. Nosso Deus, portanto, é de forma absoluta a força infinita em ato, que quando quer se manifestar a partir da natureza da bondade, faz descender de si diversas luzes, que são ditas teofanias. Em todas essas luzes manifesta a riqueza da luz de sua glória.

Mas essa geração, que se faz assim voluntariamente não tendo nenhuma outra causa que a sua bondade, tornou-se no verbo da verdade⁵. O verbo da verdade é a *ratio* ou arte/ciência absoluta ou ratio que pode ser dita luz de toda ratio. Nessa luz, que é também verbo e filho primogênito e suprema manifestação do pai, o pai das luzes gerou voluntariamente todas as manifestações descendentes, a fim de que na força suprema e na força de união das aparições compliquem-se todas as luzes manifestativas; como que na filiação abstrata, está toda filiação de algum modo explicável e na arte/ciência universalíssima tudo que possa ser explicado pela arte/ciência e na ratio ou descrição absoluta toda luz que de algum modo discerne.

Gerou-nos naquele verbo da arte/ciência eterna e manifestação, para que assim, ao recebermos em descenso a luz de sua manifestação, que é o verbo infinito, no modo como pode ser recebido por nós em descenso, sejamos uma espécie de início de sua criatura. Assim, a recepção do mostrar-se do pai no verbo em descenso perfaz o início da criatura. Por isso, então, somos um certo início de sua criatura, pois o verbo da verdade, no qual nos gerou, nós o recebemos ao nosso modo.

Ficou suficientemente mostrado que a recepção é feita em descenso, de modo que a luz eterna e universal se torne um início da

⁵ Tg 1,18.

criatura singular, para que assim surja a criatura, tendo algum início primeiro no verbo da verdade. Somos pois a geração de Deus, porque ele nos gerou, mas nos gerou a todos nós em um filho que é o verbo da verdade; nele nos fez ter certo início de sua criatura.

Assim como no verbo ou ratio ou arte/ciência da humanidade, todos os homens são gerados de modo que pela geração da humanidade recebam serem certo início de ser humano singular. Na geração da verdade universal, tudo que é verdadeiramente, é gerado de tal modo a ser certo início gerador da criatura.

Tudo que é, é enquanto é verdadeiro. O falso portanto não é. Essa, a razão porque, na geração eterna da verdade, essas [criaturas] são geradas eternamente e como tal são a própria força eterna da verdade. Elas recebem dessa verdade e assim aparecem na sucessão temporal, de modo que são certo início da criatura do pai que gera; como o ramo da árvore, que percebo agora ter início na árvore, mas inicialmente gerado na semente, não como ramo, mas como semente. Na verdade pois na *ratio* da semente estava a verdade do ramo. Assim a verdade da semente é a verdade do ramo. De modo que a verdade da força toma seu início em ser algo, como um ramo, que é como criatura da semente, de cuja força brota. A verdade do ramo, que foi gerada na verdade da semente, sempre com a semente, aparece agora mostrando em sua aparição a força da semente de seu pai.

Assim vemos claramente como na divindade o filho é mostraçãõ verdadeira do pai segundo a onnipotência absoluta e a luz infinita. Mas toda criatura é o mostrar-se do pai, participando do mostrar-se do filho de maneira diversa e contraída; e outras criaturas, de forma mais obscura ou de forma mais clara, mostram-no segundo a verdade das teofanias ou aparições de Deus.

V

Ainda quero acrescentar algo sobre as dádivas da iluminação, pois essas dádivas do espírito divino perficiente e uno são várias. Deus, que é o próprio ato puríssimo, é também a perfeição infinita. No descenso não é compreendido como é, mas potencialmente. No descenso da

geração, a perfeição do homem não é tomada do pai, mas o homem está na potência na semente do pai, nem a árvore é recebida no fruto dela descendente, mas é árvore na potência, na semente.

Assim como o pai tudo gera no verbo da verdade, assim tudo é perfazido no espírito que procede do pai e do filho. O Espírito completa, isto é, conduz o orbe da terra e tudo ao que é perfeito, também o que tem o saber da palavra (Sb 1,7). No pai tudo é paternalmente, no filho filialmente, no espírito santo tudo é ao modo do aperfeiçoamento. No pai tudo tem essência, no filho potência, no espírito santo operação. Deus pai é tudo em todos, deus filho pode tudo em todos, deus Espírito opera tudo em todos.

Do ser e do poder procede o operar. O espírito opera perfeição do próprio ser nos entes, a perfeição da vida nos viventes, perfeição do conhecimento nos inteligentes. Tudo isso é operado pelo espírito uno, que é Deus bendito, para que toda criatura, pela perfeição, chegue mais perto da deificação, o quanto permite a compleição de sua natureza, ou seja, perto do limite da quietude. O ser sombreado e corpórea aquietasse no vital, o vital no intelectual, o intelectual na verdade que é Deus, para que assim todo ente corpóreo reflua ao princípio, por meio dos que são viventes, e esses pelos intelectivos.

São os intelectivos, portanto, aqueles por quem os inferiores fluem de Deus e refluem ao mesmo. Por isso, a própria natureza intelectual é graduada de maneira variada segundo a recepção em descenso, assim como no número o descendo numeral simples está contido na dezena. A dezena descendente é pois o início dos números compostos e fim do simples e é outra unidade. São dez os graus da natureza intelectual; o primeiro é muito mais abstrato e mais claro no ato de apreender Deus, o último é imerso nas sombras corpóreas, que é chamado de humano, mínimo em ato e muito em potência virtual.

Visto que nosso espírito intelectual não atinge a quietude, a não ser que a apreenda por sua natureza intelectual – e ele recebeu o ser intelectual para fazer essa apreensão –, o espírito perficiente lhe concede muitas luzes para que possa chegar da força de sua potência ao ato.

Toda e qualquer coisa criada é certa luz para levar a ato a força intelectual, para que na luz, que assim lhe foi dada, atinja a fonte das luzes. O homem vê que existem várias criaturas, e ele é iluminado nessa variedade para que atinja a luz essencial das criaturas, pois quando vê alguma criatura ser sem movimento vital, outra viver, outra raciocinar, imediatamente é iluminado, reconhecendo que a essência absoluta das criaturas não é ou vive ou raciocina assim. Se portanto a vida pertencesse à essência da criatura, a criatura não vivente não seria. Se o raciocinar pertencesse à essência da criatura, a pedra ou a árvore não seriam criaturas.

Portanto, de tudo que se apreende na variedade das criaturas, compreende nada pertencer à essência. Mas, visto que toda criatura é algo contraído, a essência de tudo não é algo, mas nada de tudo de forma não contraída. Assim, vê a variedade das formas, mas a essência não é nada disso.

Algumas criaturas são grandes, outras pequenas, outras superiores, outras inferiores; algumas foram, outras serão; umas aqui, outras acolá, e assim de toda variedade nominável. A essência não é, portanto, quantidade ou grande ou pequena ou num lugar superior ou inferior ou no tempo passado ou futuro. E assim do mais.

Vês muitas coisas em gênero elementar, muitas em gênero vegetativo, muitas no gênero sensitivo convir, e esses gêneros são muitos. A essência porém não é algo disso. Vês muitas espécies sob os gêneros, como no gênero dos animais, a espécie humana, leonina, equina e assim dos demais. A essência dos gêneros animais não é pois alguma espécie de todos eles, mas nenhuma espécie deles.

Vês haverem diversos homens, um foi, outro será, algum jovem, outro velho, um alemão, outro gálico, um macho, outro fêmea, um grande, outro pequeno, um cego, outro que vê, um branco, outro negro e assim de tudo o mais, porque tudo que pode ser considerado é variedade. Assim, tudo que é sensível, visível, tangível e assim do mais não pertence à essência do homem.

A humanidade assim nada é disso que se pode apreender em cada um dos homens. Mas a humanidade é essência simplíssima, que recebe

especificamente uma essência genérica, na qual estão, como numa força simples, todas aquelas coisas que participam individualmente na variedade dos homens. A humanidade é, portanto, o pai das luzes dos diversos seres humanos, e a mesma essência de Platão está na humanidade além de toda situacionalidade (*habitud*) sensível e temporal. E assim se dá com tudo.

Por isso, as essências dos sensíveis são não sensíveis nas espécies, e as essências específicas são sem especificação nos gêneros, e as essências genéricas são sem generalidade na essência absoluta, que é Deus bendito.

Existem ainda outras luzes que são infundidas pela iluminação divina, que conduzem a potência intelectiva para a perfeição, como é a luz da fé pela qual é iluminado o intelecto, para que se eleve acima do ratio a fim de apreender a verdade. E porque é conduzido por essa luz para que creia poder atingir a verdade – a qual não podem atingir, apesar do auxílio da ratio, que é como um instrumento seu – e assim, por algum esforço nele colocado pelo divino, deixa fraqueza ou cegueira, por causa da qual lança mão do báculo da ratio, e fortalecido na palavra da fé, pode avançar por si, com esperança certa é conduzido a alcançar o que foi prometido com fé firme, de modo que apreende firmemente numa caminhada veloz. E essa é a iluminação do apóstolo, que anuncia que aquele que crê e busca sem hesitação alcança a sabedoria.

Nossa força intelectiva possui a riqueza da luz inefável em potência, a qual, visto estar em potência, ignoramos ter, até que se derrame em nós pela luz intelectiva que existe em nós em ato e se mostre sendo extraída em ato.

Assim como no pequeno domínio do pobre há muitas riquezas em potência que ele, se soubesse e as buscasse do modo devido, descobriria, pois ali há lã, e pão, e vinho, e carne etc., que ele deseja e o olho não vê. Mas a própria ratio lhes concede a luz reveladora, para que saiba que essas coisas estão ali, e como pela ovelha extrai lã, pela vaca leite, pela videira vinho, pelo trigo pão. E diversos agricultores experientes mostram a luz da doutrina de cultivar bem o solo. Nessa luz avança o agricultor e alcança o fruto da vida sensível.

Em tal semelhança em potência intelectual com o campo estão todas as coisas que asseguram vida intelectual, uma vez que sejam retamente cuidadas; e suas forças são expressas com os exercícios e modos devidos; em favor de seu cultivo são descobertas várias iluminações a nós transmitidas por aqueles que se vigiaram diligente e zelosamente por esse cultivo intelectual; por exemplo, aqueles homens dedicados às virtudes abandonam as sombras deste mundo e se dedicam à luz espiritual, através deles o doador das luzes nos revela o tesouro escondido, o modo de guardar o campo, as leis e os preceitos para extirpar as ervas daninhas que não trazem fruto de vida, mas impedem e matam a fecundidade, e, para escolher e plantar a árvore da vida nele – tais exemplos são Moisés, os profetas, filósofos e os varões apostólicos.

Mas o verbo, luz de todos eles, é recebido em descenso do verbo absoluto e não era o próprio verbo, que é a própria luz infinita do pai, muito embora esse verbo tenha se manifestado de forma sensível sem contração em Nosso Senhor Jesus Cristo. Nesse verbo da verdade somos gerados como filhos da luz, porque ele revelou que as riquezas da glória do reino eterno estão dentro de nós, ensinou a alcançar a imortalidade intelectual pela mortificação do mundo sensível e se manifestou a nós para que em sua luz, que é o verbo feito carne, apreendamos a luz paterna de nossa vida. Isso porque ele é a luz paterna que ilumina todo homem, e com sua luz preenche aquilo que nos falta e nele e por ele, que é bendito pelos séculos, alcançamos uma vida deleitabilíssima de quietude. Graças a Deus.

